

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
AS VARIAÇÕES DE HONG SANG-SOO
12 e 20 de Dezembro de 2019

JAL ALJIDO MOTHAMYEONSEO / 2009
(“Like You Know It All” ou “Como se Soubesses Tudo”)

Um filme de Hong Sang-soo

Realização e Argumento: Hong Sang-soo / Direcção de Fotografia: Kim Hoon-Kwong / Música: Jeong Yoeng-Jin / Som: Song Yea-Jhiun / Montagem: Hahm Sung-Won / Interpretação: Kim Tae-Woo (Ku Kyung-Nam), Ko Hyun-Jung (Ko Sun, a mulher do pintor), Uhm Ji-Won (Gong Hyun-Hee, a programadora do festival), Kong Hyeong-Jin (Boo Sang-Yong), Jeong Yu-Mi (Shin Yoo), Choi Do-Rim, Go Chang-Gyun, etc.

Produção: Jeonwonsa Films Co. / Produtores: Hong Sang-soo, Hongle Yeon-Jong, Kim Kyoung-Hee / Cópia digital, colorida, falada em coreano com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 126 minutos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira exibição na Cinemateca: 24 de Junho de 2011 (“Hong Sang-soo e o Cinema Contemporâneo da República da Coreia”).

Pode ser uma aventura ser-se jurado num festival de cinema. É este o ponto de partida de **Like You Know It All** (usaremos o título inglês, mesmo se encontrámos a menção de que, traduzido à letra, o título coreano quer dizer algo ligeiramente diferente, género “*Nem Fazes Ideia*”), um filme que começa por parecer, num punhado de certeiros e muito divertidos “efeitos de real”, uma caricatura do “circuito” (do circuito dos festivais e do cinema dito alternativo) e da psique dos seus intervenientes. Eventualmente jogando também com outro “efeito”, o da identificação que o espectador se sinta tentado a criar entre as personagens e o próprio Hong Sang-soo. Acompanhamos assim o realizador Ku Kyung-nam no momento em que chega ao IV Festival de Jecheon (um “festival de cinema & música” que existe na realidade) para integrar o júri da competição cinematográfica (é normal os filmes de Hong Sang-soo começarem no momento em que alguém chega a algum lugar). As primeiras cenas vivem da meticulosa e levemente irónica reprodução dos clichés do meio e da situação: os cumprimentos da praxe, os encontros com críticos (“li o seu artigo”, “qual deles?”, “o do mês passado”), com actores e atrizes (sobretudo atrizes), a programadora que vem dar uma prelecção aos jurados sobre “os objectivos” do festival. E continua: o encontro com a actriz porno que quer converter-se em actriz “séria” (e vem acompanhada da mãe), os maravilhosos gags com os jurados semi ou completamente adormecidos durante a projecção dos filmes, de que apenas ouvimos o som (a caricatura aqui dirige-se menos às pessoas que servem de jurados em festivais de cinema do que aos filmes que neles são projectados). Ou os primeiros golpes na auto-estima: os filmes do realizador Ku (soa mal em português mas é assim que todos lhe chama, “realizador Ku”) estão ou não tão “enterrados” como lhe dizem e ele discorda; o seu ex-discípulo que está a ter uma retrospectiva no festival enquanto ele não teve nenhuma.

Como de costume, toda a gente bebe imenso, e por causa das bebedeiras para que Ku é mais ou menos renitentemente arrastado a coisa complica-se muito para além da dificuldade de permanecer acordado durante as projecções. Há essa sequência, quase “fantasmática”, do encontro com o velho amigo (que julga que “sabe tudo” sobre Ku) e a noite passada em casa dele e da mulher, que acaba mal e violentamente sem que nem Ku nem nós percebamos porquê (aquele sonho com a morte do amigo, a cena do chuveiro, têm o quê a ver com isso? E porque é que esse episódio se conclui com o mais estranho plano do filme, a câmara que desce para enquadrar os pés do casal e depois se foca – os zooms de Hong Sang-soo – numa lagarta que rasteja pela terra?). Outros quiproquós directamente derivados das sessões de bebida levam a que o protagonista se farte e se vá embora (pede para ver os filmes que faltam em DVD). E aí o filme muda.

Definitivamente deixado para trás o “universo do cinema”, Ku parte ao encontro de um seu velho mentor (um pintor), o homem – diz ele – responsável pelo facto de se ter tornado realizador. Encontros e reencontros, não está o protagonista preparado para reencontrar uma antiga paixão, agora mulher do pintor. Perdido como as personagens rohmerianas que incessantemente refazem em função das circunstâncias presentes, para si próprios e para os outros, a sua história pessoal, Ku torna-se aquilo que já era desde o princípio, um “passageiro”, mas agora um passageiro transportado pelas suas emoções, memórias e frustrações. A dimensão psicológica – um filme como uma observação da psicologia de uma personagem – toma conta do filme, mas num tom de fim de Verão, quase elegíaco (a voz “off”, também como habitualmente em Hong muitíssimo importante), recuperação de um tempo perdido. A recuperação possível, ou seja, meramente ilusória. Porque, e é mesmo a moral do filme, engana-se quem julga que sabe alguma coisa sobre a motivação e a psicologia dos outros (fenomenal a cena final na praia).

Porventura num tom consistentemente mais grave do que a norma, **Like You Know It All** traz-nos o cinema e a dramaturgia de Hong Sang-soo no máximo (e no mais depurado) das suas qualidades: cenas breves, tornadas desconcertantes, às vezes mesmo viradas do avesso, por uma frase ou por um gesto quaisquer, e uma maravilhosa precisão que não deixa, nunca, que qualquer coisa soe a falso.

Luís Miguel Oliveira